

## **GRUPO DE SIRIRI FLOR RIBEIRINHA DE CUIABÁ: mídia e legitimação da tradição na pós-modernidade.**

Ana Paula Sant'Ana<sup>1</sup>  
Ângela Fontana Velho  
Marli Barboza da Silva

### **RESUMO**

Estudar o processo histórico de legitimação do grupo de siriri Flor Ribeirinha e sua inserção no contexto midiático nos cadernos culturais dos jornais de maior circulação no Estado. O lugar da tradição na contemporaneidade como fator que agrega valor no contexto subjetivo e fragmentado próprio da pós-modernidade é o nosso ponto de partida. A construção da iconografia deste grupo no imaginário social parte do pressuposto de que ele canaliza simbolicamente a expressividade cuiabana. O Flor Ribeirinha é tomado como objeto e exemplo de grupos populares resignificados dentro de um contexto pós-moderno.

**Palavras-Chaves:** identidade, mídia, legitimação, simbologia, tradição, subjetividade e pós-modernidade.

### **INTRODUÇÃO**

O Flor Ribeirinha é o grupo de Siriri da comunidade de São Gonçalo Beira Rio situada à margem esquerda do Rio Cuiabá, pertence ao distrito do Coxipó da Ponte, Estado de Mato Grosso. A comunidade foi fundada no século XVIII em território de índios Coxiponés cuja presença é recordada nos traços físicos dos moradores, no ritmo e nos passos da dança e em elementos do modo de vida como a pesca, a canoa esculpida em tronco de árvore, a benzedeira, o manuseio de ervas e o artesanato com cerâmica. São Gonçalo Beira Rio possui 70 famílias num total de aproximadamente 300 moradores que têm entre si algum grau de parentesco. A produção da cerâmica, a fabricação da viola de cocho, a pesca e a dança formam grupos organizados que estabelecem diversas relações na comunidade, firmando o convívio e favorecendo a manutenção dos costumes.

A partir da segunda metade da década de 1990 há, no Estado de Mato Grosso assim como já vinha acontecendo em todo o Brasil, uma crescente preocupação com a revalorização do patrimônio cultural, das singularidades que se materializam na paisagem e 'instituições de memória' que ainda sobrevivem no cotidiano dos lugares. O grupo folclórico Flor Ribeirinha é instituição de memória enquanto meio que detém, divulga e preserva elementos materiais e simbólicos de uma cultura, elementos que

---

<sup>1</sup> Mestrandas em Estudos Literários e Culturais pelo Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso/CAPES/FAPEMAT.

evidenciam a preservação e construção de uma identidade local. Essa construção se dá sob dois aspectos: o aspecto formador (construtor) e o revelador. O Flor Ribeirinha em Cuiabá é meio e mensagem, tanto forma quanto revela uma identidade.

### **Subjetividade e Simbologia no Grupo de Siriri Flor Ribeirinha**

O Siriri é uma dança típica mato-grossense, realizada na região sul de Cuiabá há mais de 200 anos e reflete o multiculturalismo brasileiro formado por índios, negros, portugueses e espanhóis. Manifesta-se numa coreografia variada; melodias alegres e letras que tem como mote a vida ribeirinha e as tradições religiosas; ritmo contagiante, harmonizado e marcado pela batida da viola de cocho, do mocho e do ganzá. É dançado e cantado por homens, mulheres e crianças em fila ou roda formada por pares que cantam e batem palmas ao ritmo rápido e forte da música. O coro estridente e às vezes monótono é próprio da música ameríndia, com clara influência da música serena e melódica repleta de sentimento religioso dos colonizadores. O ritmo marcado por instrumentos de percussão é herança da música africana.

Típica do Estado de Mato Grosso, a viola de cocho é fabricada artesanalmente a partir de um tronco de madeira inteiriça, esculpida em formato de violão. Fixa-se no cocho um tampo e demais elementos como cavalete, cordas e pestana. O mocho, também conhecido como tamborete ou tamborim é um banco de madeira com assento de couro cru, percutido com duas baquetas de madeira. Ganzá é outro instrumento de percussão feito de taquara e trabalhado ainda verde, tocado com um pedaço de ferro ou osso.

O Flor Ribeirinha reproduz as matizes indígena, africana e européia da música brasileira, colocando-as para refuncionar numa maneira peculiar de reproduzir tudo isso. Alfredo Bosi em *Dialética da Colonização* (1992: 129) ao discutir Colônia, Culto e Cultura afirma: “Cultura supõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente, os planos para o futuro.” Já que música e dança constituem-se cultura, o grupo de siriri se revela também por sua arte musical e dançante.

Para Dorflès (idem) não devemos considerar a música como apenas sintoma emotivo ou estímulo sensorial - conforme concepção da estética barroca - mas como uma linguagem, uma expressão artística, que como sabemos revelam uma identidade cultural. Estendamos este pensamento também para a dança, meio característico de representação, pois música e dança possuem uma ligação espontânea e indissolúvel. Mesmo que distintas, apóiam-se. Portanto, o grupo Flor Ribeirinha em Cuiabá figura como um verdadeiro termômetro cultural que vai indicando por onde caminha o estritamente regional/nacional.

A dança é meio expressivo que usa o corpo como instrumento material vibrante e sonoro de construção de elementos simbólicos que traduzem sentido. A produção de sentidos a partir da compreensão ativa dos bens simbólicos é decisiva na construção de uma identidade coletiva. A dança é a única das artes que se utiliza do corpo humano como material básico de construção de sentido, altamente simbólico como em qualquer outra arte.

Segundo Dorflès (1992: 179) existe uma dificuldade na fusão do tempo da música e o tempo da dança, assim como entre o tempo musical e o tempo cronológico, pelo fato de o corpo possuir um ritmo mais métrico e prosódico, não conseguindo alcançar a sincronia musical com perfeição. A música do Flor Ribeirinha é dançante, o

tempo da música e o tempo da dança encontram-se nesse tempo de que fala Dorfler uma vez que a música tocada pelo grupo é mais bruta, mais adaptada ao compasso do corpo.

A dança - arte extremamente expressiva - possui o corpo humano como elemento primário, que serve de representação da temporalidade e adapta-se facilmente a um ritmo mais marcado, forte, que remete aos ritmos fisiológicos - essa associação está, certamente, repleta de ligações. O siriri proporciona uma relação confortável do corpo com o ritmo da batida que desenvolve. A sua sucessão rítmica de movimentos e sons é contagiante. Os movimentos executados pelos dançarinos têm origem em antigas representações, sejam indígenas e/ou portuguesas. Possui, enquanto arte, uma linguagem.

Concomitantemente, o símbolo nos remete a uma idéia discursiva infinita pela significância implícita na sua forma apresentativa. Mesmo que grande parte do seu significado já esteja muito longe de nossa memória no tempo e não podemos por esse motivo compreender a sua totalidade, temos ainda o significado metafórico e simbólico que nos permite intuir sobre aquelas formas comuns a todo lugar e a todo tempo. O símbolo é indispensável para compreendermos aspectos culturais, pois não são meros sinais, são sim, elementos designadores.

O homem sendo racional é extremamente simbólico. Possui uma necessidade latente de criar símbolos que o representem, que o diferenciem dos demais. Isso tanto no plano individual quanto no coletivo. Já nos tempos das civilizações mais remotas e em territórios distintos, o símbolo era uma necessidade de identificação, de distinção entre uma raça e outra, entre uma tribo e outra, entre um indivíduo e outro. O símbolo é nato na raça humana, e em dias atuais não seria de outra maneira. Ainda hoje vivemos em 'tribos'. Somos uma sociedade que se divide em vários grupos. Assim como a sociedade de modo geral possui os seus símbolos que são então universais, cada 'tribo' que compõe essa sociedade tem necessidade de distinguir-se das demais, criando os seus símbolos próprios e assim sucessivamente com cada grupo e subgrupo até chegarmos ao indivíduo em particular. Cada um, seja no plano grupal ou no individual, deseja estabelecer a sua marca pessoal e irreproduzível, sua assinatura, seu selo.

Dos brasões familiares passamos aos elementos culturais distintivos e simbólicos. O ribeirinho, os elementos preservados da cultura indígena (a dança do siriri entre outros), a religiosidade dos colonizadores presentes nas letras de suas canções, os instrumentos musicais singulares que produzem sua música, são subjetivados simbolicamente. Tornam-se representantes, símbolos da cultura cuiabana e em extensão da cultura mato-grossense. Num momento histórico de crise de identidade e fragmentação do sujeito começa a reforçar-se ainda mais a necessidade da distinção, da particularidade - em um aspecto que seja - para que diante da generalização do mundo globalizado sejamos identificáveis diante do todo.

A maneira como esses símbolos vão resignificando valorativamente através do tempo é uma exigência histórica. Os símbolos e os valores tradicionais vão também tornando-se imagens publicitárias. E a abordagem da força do simbólico e da sua linguagem como constituição de identidade, fornecem texto ao pretexto da preservação da cultura para comercialização de uma imagem. A subjetividade está no ordenamento prático da valorização da cultura local que caminha do eixo sensível para o racional. O símbolo é um caminho aberto para a subjetividade.

A produção de sentidos a partir da compreensão ativa dos bens simbólicos é decisiva na construção de uma identidade coletiva que sobrevive na contemporaneidade, ajustando-se aos mecanismos da sociedade, adquirindo relevância no processo que o legitima através de seus dispositivos produtores de subjetividade. A produção de subjetividades é resultado da dimensão simbólica de um representante cultural. O simbolismo projeta imagens que ocultam os interesses que o promovem, produz subjetividades que resultam em uma identidade, que por sua vez gera uma prática social ajustada aos interesses de uma comunidade. O simbolismo é um poder constitutivo de identidades. A subjetividade está nos rótulos dessa cultura.

A linguagem e o imaginário tradicional usados como arma simbólica, acentuam simbolicamente o distanciamento dos contextos espaços-temporais da vida cotidiana, não literalmente, mas imaginativamente e simbolicamente, a partir da concepção de que há diferentes maneiras de viver e condições de vida diferentes do seu cotidiano “nos oferece uma idéia do resto do mundo” – efeito de distanciamento simbólico. Servem ainda, para consolidar relações estabelecidas de poder ou criar novas formas de dependência.

Ao invés de se partilhar um território físico, partilham-se imagens, permitindo aos membros de um determinado grupo que se reconheçam dentro desse território, independentemente das fronteiras geográficas tradicionais.

O grupo Flor Ribeirinha é representante simbólico da cultura cuiabana, e o símbolo é, nesse sentido, sinônimo de produto cultural na acepção de índice (resultante) do processo de construção identitária. Objetiva-se por meio do Flor Ribeirinha definir um lugar para o simbólico como uma linguagem estruturada, o lugar do símbolo e o símbolo na sua função de representante. Há dois caminhos que se cruzam: o Flor Ribeirinha tomado (narrado) como símbolo representante da cuiabanidade e o próprio Flor Ribeirinha como narrador desta construtividade. A narração dá ao simbólico uma autonomia relativa, dá-lhe a possibilidade de ser a região discursiva, onde se recombina significados. No entanto, para que se valha, faz-se necessário o reconhecimento, a legitimação desse discurso na narrativa de outrem. O pensamento, sabemos, é coletivo.

## **Mídia e Legitimação**

[...] essas comunidades e sujeitos humanos, por sua vez, carregam a marca dos elementos objetivos que misturam-se inextricavelmente à sua vida, e assim por diante, ao longo de um processo em abismo no qual a subjetividade é envolvida pelos objetos e a objetividade pelos sujeitos. (PIERRE LÉVY, 1993:174)

O fundamento do tempo da cultura popular se encontra no retorno a situações e atos reforçados pela memória coletiva do grupo, atribuindo-lhes valor. Estas subjetividades ao serem apropriadas pela mídia, retornam ao público, onde são resignificadas de acordo com as subjetividades de cada sujeito.

Assim, a inserção do grupo Flor Ribeirinha e da comunidade de São Gonçalo Beiro Rio no espaço público, aqui em especial o midiático, se dá sob a emergência de uma nova sensibilidade cultural, de uma tendência disseminada entre alguns grupos sociais para abraçar e legitimar novos discursos e novas práticas culturais. Aqui e, na pós-modernidade, há que se observar a esfera pública enquanto espaço de

intersubjetividade, que existe e é sustentado em função da pluralidade e da diversidade humana.

A análise da visibilidade e das representações feitas pela mídia assume um destaque ímpar quando esta se constitui na principal esfera de legitimação das entidades coletivas e individuais, já que vem caracterizar o espaço público contemporâneo e situar a importância da atuação do campo midiático no processo de construção da visibilidade e legitimação institucional.

Essa possibilidade de visibilidade dos grupos culturais inseridos na indústria cultural e no espaço público contemporâneo se dá a partir do papel reestruturador da mídia, na medida em que este é indissociável do campo da recepção, da interpretação e das inter-relações entre comunicação e cultura.

Segundo este pensamento, os códigos de comportamento surgem pela cultura, são institucionalizados pelo poder político e propagado pelo poder simbólico – mídia – que os difunde. Parte disso se observa hoje na construção histórica do grupo Flor Ribeirinha, em dois momentos: um em que o grupo busca se vincular com a idéia de juventude - isso em seus primeiros anos - e outro, a partir de uma remodelação de alguns elementos (caracterização de figurino, coreografias, novas letras de música) para se adequar aos aspectos da contemporaneidade, em um período político de busca da vinculação a conceitos como tradição e modernidade.

Assim, a representação da tradição do grupo surge enquanto elemento de consumo, num espaço pós-moderno onde o consumo de bens simbólicos é alimentado pela idéia de novidade.

O caráter identificador da tradição foi remodelado – em parte pela mídia – e relativizado a uma crescente autonomia do indivíduo como agente reflexivo capaz de refazer a própria identidade, o que explica a persistência de crenças e práticas religiosas no mundo moderno. [...] Vale lembrar que a manutenção da tradição no tempo exige uma contínua reconstituição de seu conteúdo simbólico nas atividades cotidianas. [...] Com a fixação do conteúdo simbólico da tradição nos produtos da mídia esta tornou-se desritualizada, ou seja, menos dependente de uma reconstituição ritualizada (frequentar, praticar). (THOMPSON, 2002, p. 171 e 172).

Nesse sentido, há um desenraizamento gradual da tradição, significando um gradual enfraquecimento de interações face-a-face, ligadas a lugares específicos onde se ritualizava a tradição. Ou seja, não se encontra mais restrito pelas condições de transmissão localizada, deslocando-se para novos contextos sociais e geográficos, com novas reconfigurações.

Portanto, aquele que acompanha a trama do consumo cultural observa que a partir da apropriação que a mídia faz do siriri enquanto símbolo de uma cultura e artefato de memória - por meio da divulgação do grupo folclórico Flor Ribeirinha – ocorre a partir de uma remodelação do que seja artefato cultural para algo como um espetáculo a ser consumido. O campo da produção e do consumo da cultura é sem dúvida, transformado pela indústria cultural e resignificado em sua essência transformando elementos antes considerados como ultrapassados em novos elementos de consumo que traz intrínseco toda a modernidade e glamour da sociedade do espetáculo.

Assim sendo, a construção das identidades está baseada na prática de dar significado às formas concretas de representação, como o discurso, o que torna possível a identificação de determinado grupo cultural ser ou não reconhecida.

Estamos ativamente nos modificando por meio dos conteúdos disponibilizados pelos produtos da mídia. A passagem pela mídia torna-se obrigatória quando há interesse de ampliar-se a discussão ou conseguir adeptos para alguma causa. Nesse sentido, o Grupo Flor Ribeirinha busca a mídia enquanto espaço público central da contemporaneidade, disputando juntamente com outros atores o apoio da opinião pública, e sua consolidação enquanto representante legítimo da cultura local.

A partir da apropriação pela mídia das diferentes formas simbólicas de representação cultural, segundo Thompson (2002, p.113), a mídia cria um novo tipo de publicidade, que o autor descreve como o “espaço do visível”: ele é um espaço não localizado, não dialógico e aberto, no qual as formas simbólicas mediadas podem ser produzidas e recebidas por uma pluralidade de outros não presentes.

### **Tradição e Pós-Modernidade**

De um lado, a identidade do grupo Flor Ribeirinha é alterada no decorrer de sua existência pelo contato com a cidade de Cuiabá, e de outro lado, a cidade se assegura de seu universo simbólico por conter as diferentes identidades que a formam. Há um entrelaçamento do local, do regional e do global às esferas social e econômica, resultando em uma reconstrução de imagens das representações simbólicas passando a figurar em contexto global decorrente do espaço midiático, impulsiona a revitalização e a cultura de consumo.

Buscando uma interpretação da tradição na pós-modernidade, partimos da sua definição como algo mutável, ou seja, sua referência é construída ativamente pelo sujeito, e este a transforma alterando a sua realidade social. Esse olhar dialético, de acordo com Eduardo Coutinho, contesta a concepção metafísica em que a tradição é vista como algo divino, natural, e a ação do sujeito é anulada. Não se omite o legado cultural da tradição, mas ele é reinterpretado para a partir disso ser afirmado.

Segundo Featherstone (1991), essa re-interpretação da cultura realizada pela mídia, sua re-duplicação e simulação ocorrem na sociedade contemporânea dependente da manipulação de símbolos, que juntamente com a mercadoria produziram a mercadoria-símbolo. As experiências simbólicas da cultura, assim como da arte, o patrimônio histórico, o turismo e o entretenimento, são transformadas em consumo. Neste sentido, a tradição, materializada na linguagem das manifestações dos grupos, passa a ser comprometida com o meio simbólico exterior que acaba por absorvê-lo e divulgar seus símbolos como parte do povo mato-grossense. Ao mesmo tempo acontece o contrário. Os símbolos considerados mato-grossenses são também utilizados nas criações artísticas do grupo e por outros moradores, como os escultores e ceramistas.

Por conseguinte, questionando a visão de que a tradição, antes presente nas sociedades tradicionais, perde a sua importância nas sociedades contemporâneas, Thompson (1998) afirma que as práticas tradicionais não desaparecem, mas surgem, de alguma maneira, renovadas pelas interações que se apresentam. Contrariando, inicialmente o pensamento de que a tradição é uma característica de sociedades pré-modernas ele coloca que se assim fosse o movimento da tradição não perduraria, até não mais existir..

De modo simplificado, a tradição na pós-modernidade possui, segundo Thompson, algumas imbricações básicas como a hermenêutica, auxiliando o indivíduo pertencente a determinada cultura a se comportar na sua vida cotidiana, de acordo

com os pressupostos normativos estabelecidos pela sociedade e difundidos pela indústria cultural. No caso do Flor Ribeirinha percebemos a forte influência que o grupo exerce dentro de sua comunidade, enquanto que a sensação de pertencimento é erigida pelos laços naturais e pelos objetivos comuns que se sobrepõem aos objetivos particulares, de acordo com entrevistada .

[...] Nós temos raízes pra oferece, nós temos bagage pra mostrar [...] Aqui que começo Cuiabá, então a pessoa tem que respeita é raízes ribeirinha [...] porque ela é um fruto desta terra [...] então por isso que é os grupos outros tem que respeita nós, porque nós temos ceramista, pescador, nós temos o índio, nós tem tudo aqui dentro porque aqui que começô Cuiabá, aqui é o alicerce, quer queira que num queira nós tem tudo de cultura bonito para oferecer pro povo, pro turista[...].

É notável o apelo e a busca da legitimação nas “práticas tradicionalmente fundamentadas, isto é, justificadas pela referência à tradição” (Thompson, 1998:164), reivindicando para si uma forma de autenticação graças ao passado comum.

A representação de pertencimento acima expressa, pode ser traduzida como busca de legitimação que para Kathryn Woodward como essencialista, sugerindo que “existe um conjunto de característica cristalino, autêntico” e que todos do mesmo grupo “o partilham e que este não se altera ao longo do tempo”

A preocupação em renovar a tradição por meio da juventude, e o próprio ato de se preocupar com a passagem dessa tradição aos mais novos reflete o imbricamento da tradição e de seu remodelamento na pós-modernidade, ficando demonstrado que a cultura está em permanente devir.

Em síntese, a tradição é revivida na prática, renovada e legitimada pela mídia que desta se apodera enquanto referencial simbólico, em um processo de reinvenção do cotidiano, por meio da manutenção da iconografia cultural cuiabana que se realiza no consumo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O grupo de Siriri Flor Ribeirinha representa culturalmente uma idéia de identidade cuiabana em seu espaço, dialogando com a cidade e com todo um imaginário coletivo que compõe o Estado de Mato Grosso. Neste sentido, seus símbolos iconografam marcas simbólicas do espaço regional, que é ao mesmo tempo multimídia, multiétnico, multicultural.

O ganzá, a viola de cocho, o mocho, a música com sua batida forte, expressiva e marcante das cantigas de mote religioso e de histórias do cotidiano do povo ribeirinho – a pesca e o artesanato com cerâmica, os mitos da beira do rio - as cores alegres e fortes caracterizam esse universo simbólico. A vida ribeirinha é marcada pela água, é dela que surgem todos os seus elementos simbólicos e de sobrevivência, é pela água que a comunidade se estabelece enquanto comunidade, significa e ressignifica.

Objetos, símbolos e ritmos do Siriri na pós-modernidade deixam de serem vistos apenas como “processo de transmissão de formas do passado” (COUTINHO, 2005:87) para adquirir dimensões dialéticas. Ou seja, trazendo em sua subjetividade elementos da contemporaneidade assimilados e re-trabalhados em sua iconografia sem que haja perda dos elementos fundamentais, mas sim, re-significando em elementos da indústria cultural, portanto, legitimados pela mídia.

Nesse movimento de negociação se dá o processo de trocas simbólicas entre os elementos contemporâneos e os elementos da tradição, o que consolida o universo da indústria cultural, em suas dimensões micro e macro.

Como afirma Beatriz Sarlo a cultura popular não se orienta mais pelas autoridades tradicionais, ela também compõem o multiculturalismo pós-moderno, porém as diferenças marcantes são atenuadas e o simbólico se emaranha, se confunde em uma reinvenção do cotidiano.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BERND, Zilá. Literatura e Identidade Nacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COUTINHO, Eduardo Granja. Os Sentidos da Tradição. In: Comunicação e Cultura das Minorias. São Paulo: Paulus, 2005.
- DORFLES, Gillo. O devir das artes. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- Folha do Estado. Edição do dia 20 de maio de 2007. Caderno Cultural Folha 3. Jornalista Lidiane Barros, Página 1A.
- GLEDSON, John. Brasil: culture and identity. University of Liverpool. Institute of Latin American Studies, 1994.
- LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- ROMANCINI, Sônia Regina. Multiculturalidade e gênero na baixada cuiabana. Pesquisa realizada com apoio da UFMT/CNPq, 2005.
- SANT'ANA, Moacir Francisco. Entre vídeos e cerâmicas: Olhares sobre o ribeirão. Dissertação de Mestrado, 2006.
- SARLO, Beatriz. Cenas da Vida Pós-Modernidade-Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995;2002.
- TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença - As Perspectivas dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.